



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

ISSO NÃO É AMOR, É VIOLÊNCIA:
DESMISTIFICANDO IDEOLOGIAS MACHISTAS NAS LETRAS “ROMÂNTICAS”
DO SERTANEJO UNIVERSITÁRIO

JESSICA DE ARAUJO LEMOS

RIO DE JANEIRO

2018

JESSICA DE ARAUJO LEMOS

**ISSO NÃO É AMOR, É VIOLÊNCIA:
DESMISTIFICANDO IDEOLOGIAS MACHISTAS NAS LETRAS “ROMÂNTICAS”
DO SERTANEJO UNIVERSITÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Letras da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro.

Orientadora: Professora Dra. Elizabeth Sara
Lewis

RIO DE JANEIRO

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE LETRAS

ISSO NÃO É AMOR, É VIOLÊNCIA:
DESMISTIFICANDO IDEOLOGIAS MACHISTAS NAS LETRAS “ROMÂNTICAS”
DO SERTANEJO UNIVERSITÁRIO

JESSICA DE ARAUJO LEMOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

BANCA EXAMINADORA

(Elizabeth Sara Lewis)

(Carla da Silva Miguelote)

Nota: _____

Rio de Janeiro, 20 de Dezembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Foi um longo caminho percorrido para chegar até aqui, no qual tive o privilégio de ter sempre ao meu lado a minha mãe, que me apoiou em todos os momentos, até quando pensei em desistir. Sem ela eu não seria nada, e foi por e para ela que decidi continuar.

Agradeço ao meu irmão e ao meu padrasto pelos vários conselhos e apoio. Agradeço também à Letícia Souza, que foi a minha melhor amiga e uma das grandes motivadoras durante todos esses anos, tendo me acompanhado e ajudado desde o princípio.

Não poderia faltar minha prima-melhor amiga e conselheira de assuntos estudantis Andressa Fernandes, sem ela eu não teria forças para aguentar os piores momentos durante o semestre. Até hoje serei grata por nossas fugidas à Praia Vermelha, Mureta da Urca e aos acampamentos e trilhas de fim de semana.

Agradeço também aos meus colegas (amigos) de universidade Jayme, Manuela, Carlos, Jhennyfer, Elivelton, Salomão, André, Clara Maria, Raíssa, Carla, Adriana, Moyses, Marcos, João Pedro e Anderson por todos os bons momentos compartilhados.

Também não poderia esquecer de agradecer à todos os professores que me permitiram aprender tanto. Em especial à Carla Miguelote, pelas disciplinas e projetos interessantes durante todos esses anos, foram das disciplinas que eu mais gostei do curso.

Agradeço também minha orientadora Elizabeth Lewis, que foi uma grande inspiração profissional e pessoal. Ter sido sua orientanda foi um grande prazer, pois pude aprender muito com quem considero uma das melhores professoras que fez parte da minha trajetória acadêmica, tanto pelo empenho quanto pela paciência e carinho.

*“Siempre nos vamos a la cama
con el miedo
de que cuando nos despertemos
el mundo ya sea una ruina”.*

Alejandra Echeverri

RESUMO

Esta pesquisa buscou revelar ideologias machistas e violência de gênero presentes em letras de músicas tidas como românticas no sertanejo universitário e como essas ideias refletiram no posicionamento do público consumidor através de comentários no site Youtube. Por intermédio dela, pode-se perceber como tais pensamentos serviram para contribuir com a naturalização dessas ideologias e como, em alguns casos, os ouvintes as criticaram. A partir de leituras sobre a Análise Crítica do Discurso e estudos sobre machismo e violência de gênero, foi possível identificar e desconstruir essas ideologias presentes nas canções. Sendo assim, esse trabalho possibilitou reflexões sobre o papel da linguagem na manutenção e/ou subversão de práticas sociais, permitindo, portanto, a conscientização social e a contribuição acadêmica para estudos seguintes.

Palavras-chave: Ideologia; Machismo; Violência; Sertanejo Universitário.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO DE FAIRCLOUGH	12
3. ANÁLISES	15
3.1. “VIDINHA DE BALADA”	15
3.2. “SENHA DO CELULAR”	22
3.3. “PROPAGANDA”	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1. Introdução

O surgimento do presente trabalho de conclusão de curso foi pensado a partir de uma disciplina chamada Estudos da Oralidade II, que tem em sua ementa uma parte dedicada ao estudo da relação música-língua, ministrada pela professora Elizabeth Lewis. Mesmo tendo sido apenas aluna ouvinte da disciplina por um dia, essa aula foi decisiva em minha vida pessoal e acadêmica a partir do momento em que comecei a refletir e questionar com mais frequência tudo o que escutava. A aula girava em torno de problematizações necessárias para diferentes estilos musicais e, por isso, me mostrou como diversos meios são influenciados por ideologias e, simultaneamente, reproduzem essas ideologias. Diante disso, surgiu a ideia de um trabalho que buscasse identificar e investigar como ideologias machistas/sexistas e de violência contra a mulher estão presentes nas letras de forma tão naturalizada.

Depois de ter pensado nesse assunto, o obstáculo foi escolher o estilo musical que seria estudado, uma vez que a ideia era focar apenas em um. O Sertanejo universitário foi escolhido porque eu não quis ser mais uma pessoa a criticar o Funk – não que suas letras não mereçam, mas porque percebi que o machismo e as violências também estão presentes nos demais estilos musicais –, pois já existem muitas pesquisas sobre (ver, por exemplo, LOPES, 2011). Este gênero, então, me chamou a atenção por representar um estilo cada vez mais escutado no Brasil de acordo com visualizações e curtidas do Youtube, e por não ter encontrado muitos trabalhos teóricos falando sobre esse assunto; encontrei sim alguns interessantes como: sexismo e machismo e uma possível influência na formação e erotização de crianças e adolescentes (ANDOZIO, 2016), análise de representações sobre mulheres em canções sertanejas interpretadas por mulheres (MOTTA, 2017) e até estudos sobre o discurso da autoestima no sertanejo universitário (CAIXETA, 2016). Sendo assim, essa carência de material teórico-analítico se tornou motivante em minha intenção de contribuir de alguma forma para preencher esta lacuna.

Após a escolha do conteúdo, foi necessário escolher as canções objetos de estudo e conceitos teóricos que se relacionassem e, por último, focar na análise da recepção do público pelo Youtube. Essa receptividade tem a ver com a investigação de curtidas, comentários positivos, comentários negativos etc., ou seja, saber como a sociedade percebe essas letras. A

receptividade mencionada considera possíveis problematizações (reflexões, críticas, questionamentos) e/ou boa aceitação pública. Estudar, também, essa aceitação do público surgiu depois de ler sobre a Análise Crítica do Discurso de Fairclough (FAIRCLOUGH, 2001; MEURER, 2005), uma vez que podemos ver que ela está interessada não apenas no texto em si, mas também na relação com as estruturas sociais. Em conclusão, os temas musicais escolhidos foram “Vidinha de balada” (2017) da dupla Henrique e Juliano, “Senha do Celular” (2015) da dupla Henrique e Diego e “Propaganda” (2018) da dupla Jorge e Mateus, já que tais canções possuem letras com elementos machistas e comentários no YouTube interessantes de analisar. Além disso, as letras são diferentes entre si quando analisadas e fizeram bastante sucesso nas épocas em que foram lançadas. Esses artistas, que começaram suas carreiras mais jovens ainda, hoje estão entre os seus vinte e trinta anos.

Para dar continuidade ao trabalho, acho importante definir brevemente esse estilo musical (Sertanejo Universitário) que trata a minha pesquisa, uma vez que difere do Sertanejo surgido décadas antes e bastante conhecido pelo grande público:

O termo universitário veio a ser cunhado ao que se considera a terceira geração do sertanejo. Uma explicação possível para o nascimento desse gênero foi a ida de jovens universitários, oriundos das regiões interioranas, que disseminaram nos campi e repúblicas a música sertaneja de raiz que com o tempo foi associada com metais, guitarra, baixos, baterias e instrumentos de percussão. (SENA e GOMES, 2013, p. 216)

Essa explicação vista na citação acima sugere que o possível surgimento desse gênero tenha primeiramente se espalhado entre os jovens universitários, contudo, sabemos que nos dias atuais esse estilo tem se espalhado entre o público em geral.

Já tendo coletado o material de análise, um acontecimento chamou muito minha atenção: em janeiro desse ano, uma grande mobilização ocorreu na internet por causa da letra de um Funk, “Surubinha de Leve”, do MC Diguinho, que trazia nos trechos mais polêmicos a seguinte mensagem: *Taca a bebida / depois taca a pica / e abandona na rua*. A repercussão foi tanta que pouco tempo depois muitas medidas foram tomadas e MC Diguinho lançou outra versão considerada mais “light” com a nova modificação: *Taca bebida / depois taca e fica / mas não abandona na rua*. Não querendo me aprofundar nas considerações da música original e da nova versão, no entanto, esse acontecimento demonstrou que a sociedade poderia estar “caminhando” para uma conscientização acerca de possíveis influências de práticas sociais

como essa, e que mobilizações poderão ser feitas para reagir a tais agressões vinculadas à linguagem. Assim como esse acontecimento, a Análise Crítica do Discurso também se interessa por tais possibilidades de mudança social:

Além de ser uma teoria e um método de análise, a ACD desenvolvida por Fairclough busca também promover a conscientização dos indivíduos quanto às interligações entre o discurso e as estruturas sociais, bem como quanto à importância dos processos discursivos na "produção, manutenção e mudança de relações de poder na vida social" (Fairclough, 1989, p. 1). A ACD representa, portanto, uma forma de luta por mudanças sociais. Fairclough acredita: uma vez que alguém se torne consciente do valor ideológico de determinado discurso, pode resistir a ele, e o aspecto ideológico pode conseqüentemente perder ou diminuir seu efeito. A compreensão do papel da linguagem como prática social podem cooperar para a emancipação de grupos menos privilegiados. (MEURER, 2005, p. 94)

Diferentemente de “Surubinha de leve”, as canções sertanejas foram escolhidas por tocarem de forma mais sutil a questão do machismo/sexismo e violência doméstica do que o funk mencionado. Ou seja, a intenção era analisar letras aparentemente “românticas” e problematizar a essência – o que está implícito – nessas canções e, mais que isso, discutir a recepção social delas. Resumindo, o objetivo do meu trabalho de conclusão de curso é analisar criticamente as letras dessas canções mencionadas, a fim de relacioná-las com as ideologias machistas/sexistas, algumas vezes mais implícitas, e evidenciar a violência contra a mulher presente nas mesmas. Também pretendo levarem consideração a opinião pública – através do Youtube –, com a finalidade de entender e problematizar essas questões e, a partir disso, conscientizar sobre a importância desses discursos que estão sendo transmitidos. Enfim, a intenção é mostrar que, muitas vezes, por detrás de discursos “românticos”, pensamentos e atitudes machistas/sexistas e de violência de gênero podem estar perpassando e sendo reforçados, contribuindo assim para a naturalização de relacionamentos abusivos e/ou violentos.

Tendo sido vítima por cinco anos de uma relação assim, meu desejo maior é que esse assunto seja cada vez mais discutido e que as pessoas saibam identificar tais relacionamentos, já que não são todos os tipos de violências que deixam marcas visíveis. Sendo assim, irei me debruçar bastante nos vários tipos de violência contra a mulher e sua relação com a língua/linguagem, a fim de contribuir, de alguma forma, com o debate e a compreensão desse

tema. Portanto, acredito que minha pesquisa tenha relevância para a sociedade e que seja construtiva para o meio acadêmico na cooperação de possíveis estudos similares. Também acho interessante mencionar que considero meu trabalho feminista, já que procuro desvelar o machismo nas letras, porém não entrarei em uma discussão teórica sobre o feminismo pois iria além do escopo dessa pesquisa.

Assim como veremos a seguir, as violências contra a mulher são muitas e variadas, mesmo que as mais conhecidas sejam as que envolvem agressão física e/ou sexual que podem provocar episódios mais extremos como o homicídio. Mas para falar sobre o conceito de violência, acho interessante trazer a definição das Nações Unidas que usa Jacqueline Pitanguy em “Violência contra a mulher: consequências socioeconômicas”:

(...) as Nações Unidas propõem uma definição deste fenômeno, entendido como qualquer conduta baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, emocional ou sexual, seja em ambiente público ou privado. (2013, p. 116-117)

Indo um pouco mais além dessa definição, a Lei Maria da Penha (lei nº 11.340), que visa à repressão da violência doméstica e familiar contra a mulher, entende a violência como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (BRASIL, 2006). Diferentemente da conceituação das Nações Unidas no texto de Pitanguy, na Lei Maria da Penha vemos também a omissão como forma de violência contra a mulher, além de trazer outros tipos de violência antes não mencionadas, como dano moral, que tem a ver com condutas caluniosas, difamatórias ou injuriosas; e patrimonial, que é visto como qualquer atitude que se caracteriza pela retenção, subtração, destruição parcial ou total dos objetos e documentos pessoais, de trabalho, e valores econômicos da vítima.

Ademais, há também a violência psicológica, que mesmo sendo menos mencionada e conhecida como a física e a sexual, também é muito prejudicial à mulher e se caracteriza, segundo a Lei Maria da Penha, por:

Qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem,

ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação. (BRASIL, 2006)

Portanto, pretendo evidenciar nessas músicas como elas tocam – mais sutilmente se comparadas aos funks mais pesados, por exemplo – a questão do machismo e violência, utilizando-se de letras consideradas “românticas” e de essas últimas três violências mencionadas, já que elas não deixam marcas no corpo das vítimas e, por isso, são mais negligenciadas que as demais.

2. A Análise Crítica do Discurso de Fairclough

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um ramo da Linguística cuja intenção é de analisar e evidenciar as construções ideológicas que se apresentam em um texto, sejam elas mais aparentes ou não. Esse campo da Linguística busca muito mais que simplesmente enxergar o texto em si, está também voltado para o que está por trás dele, mostrando as ideologias presentes.

A Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough é uma teoria de estudos de questões linguístico-discursivas de caráter teórico e metodológico que se caracteriza pela forte preocupação social, ou seja, acredita que a análise crítica de textos pode revelar aspectos importantes da vida social através de sua busca em enxergar as formas de representação da “realidade”, manifestação de identidade e relações de poder. Mas mais que isso, busca também estudar a relação bidirecional entre práticas discursivas e estruturas sociais (MEURER, 2005).

Não é por nada que o estudo crítico do texto seja importante, pois pensando no texto como a realização do discurso – que é muitas vezes assemelhado com a concepção de construções ideológicas – ele também é uma prática social, uma vez que realiza ações, como vemos na teoria de John L. Austin (1990) sobre os atos de fala. Enquanto prática social com o poder constitutivo de realizar ações, o texto até pode criar realidades sociais.

Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as 'constituem'; diferentes discursos constituem entidades-chave (sejam elas a 'doença mental', a 'cidadania' ou o letramento) de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (por exemplo, como médicos ou pacientes), e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise de discurso. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22)

Nessa teoria é relevante considerar os textos como traços e pistas de rotinas sociais. A busca e análise de pequenos elementos pode mostrar como eles refletem e reproduzem discursos e rotinas sociais. Muitas vezes, não fica muito evidente a relação entre linguagem e estruturas sociais, seja por motivos de pouca visibilidade ou até mesmo por naturalização, resultando no reforço de desigualdades sociais. O estudo do que está implícito e/ou que já se deu como natural, como uma forma de resistência para tentar quebrar certos privilégios de alguns grupos em cima de outros, é importante para a ACD.

Como Fairclough observa, muitas das relações entre linguagem e estruturas sociais são opacas, pouco visíveis, podendo ser consideradas como “agendas ocultas” que passam muitas vezes despercebidas. A busca do esclarecimento dessas relações justifica o termo Crítica da ACD e constitui uma das tarefas centrais do trabalho de Fairclough e de outros analistas críticos. Grande parte do trabalho de Fairclough pode ser resumida como a busca do desenvolvimento de teoria e método que permitam mostrar como traços e pistas linguísticas refletem as complexidades sociais implícitas em diferentes textos. (MEURER, 2005, p. 91)

A análise crítica vai se interessar em estudar a relação entre o poder hegemônico e as práticas discursivas. Da mesma maneira que um discurso pode ser utilizado para reforçar ou repetir práticas anteriores, também pode ser utilizado para a mudança, e é por isso que a ACD vai incentivar – pelo menos – a consciência disso. Pensando no poder do discurso, é ele atravessado por ideologias, o responsável por manter, reforçar ou até mesmo mudar formas de poder. “Ou seja, a ideologia é constituída por significações, formas de ver o mundo, que se manifestam em texto, contribuindo para manter ou mudar formas de poder” (MEURER, 2005, p. 93).

Existem muitas concepções de ideologia; no entanto, para não ficar no superficial de ver ideologia apenas como visão de mundo, e para dialogar mais com Fairclough que se interessa pela relação entre discurso, ideologia e poder, acho indispensável trazer José Luiz Fiorin, que pensa ideologia como falsa consciência:

A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia. Como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é “falsa consciência”. (2007, p. 28-29)

Há muitas definições do conceito de ideologia. A ideia de ideologia como falsa consciência tem suas origens no marxismo e tem a ver com pensamentos que privilegiam a classe dominante em uma sociedade a fim de beneficiá-la, sendo assim, poderíamos considerá-la uma compreensão distorcida da realidade. Embora Marx tenha usado o conceito de ideologia para pensar a opressão de classe, vou utilizá-lo para pensar a opressão de gênero. Já o conceito de ideologia como visão de mundo tem ganhado força e diz respeito a um conjunto de crenças/concepções (LEWIS, 2016), não precisamente de uma classe específica. Em Fairclough vemos a perspectiva mais recente de ideologia como visão de mundo, porém, empregarei a visão marxista de ideologia como falsa consciência e visão distorcida da realidade usada por Fiorin, pois, no caso da proposta desse trabalho de conclusão de curso em que vou abordar pensamentos e atitudes machistas/sexistas nas letras de algumas músicas como ideologia, o tratamento desigual da mulher na sociedade é uma realidade comprovada e não uma simples opinião. Essas atitudes machistas/sexistas reforçam o tratamento desigual da mulher e, assim, não são simplesmente uma visão de mundo que deve ser aceita como qualquer outra. A visão marxista de Fiorin permite reconhecer e denunciar discursos marxistas. Sendo assim, ainda que em muitos casos a ideologia possa estar no nível mais da falsa consciência e afastada da “realidade”, ainda há momentos em que se consegue ultrapassar essas formas fenomênicas da aparência, tendo como exemplo o reconhecimento da desigualdade entre homens e mulheres e possíveis atitudes contribuem para o fim dessa distinção. Por isso, a Análise Crítica do Discurso pode ser uma importante ferramenta para a desconstrução de ideologias que reforçam a manutenção do poder.

Além de tudo que foi dito, é importante acentuar sua busca pela emancipação, uma vez que através dela muitas pessoas podem se conscientizar da relação entre discurso e relações de poder e que ela serve idem para mudanças sociais, pois através dessa percepção social indivíduos menos favorecidos podem se “libertar”.

A ACD representa, portanto, uma forma de luta por mudanças sociais. Fairclough acredita: uma vez que alguém se torne consciente do valor ideológico de determinado discurso, pode resistir a ele, e o aspecto ideológico pode consequentemente perder ou diminuir seu efeito. A compreensão do papel da linguagem como prática social pode cooperar para a emancipação de grupos menos privilegiados. (MEURER, 2005, p. 94)

Resumindo, tudo que foi dito refere-se apenas ao caráter teórico da ACD, pois ainda há o metodológico, que analisa um evento discursivo de acordo com três dimensões. A primeira é o Texto – a *descrição* dos elementos linguísticos, ou seja, descrição e análise do texto de acordo com escolhas gramaticais e lexicais, estrutura etc. não apenas pela simples descrição dessas seleções, mas para a descoberta do que pode estar por trás delas, do que pode estar implícito. A segunda dimensão envolve as práticas discursivas – a *interpretação* do texto segundo sua produção, distribuição e consumo, inclusive questões referentes à leitura e interpretação. Estuda, assim, o que há de interdiscurso, intertexto, coerência e força ilocucionária, também pensando em quem escreve para quem, em quais circunstâncias e o porquê. A terceira dimensão diz respeito às práticas sociais – a *explicação* sobre as formações ideológicas e formas de hegemonia no texto que abordam como ele pode tanto influenciar quanto ser influenciado pelas estruturas sociais. Enfim, descrição, interpretação e explicação são palavras cruciais para pensar nesse caráter metodológico da teoria e nortearão a análise das músicas da minha pesquisa, uma vez que estou interessada em descobrir como e porque as ideologias presentes nessas músicas contribuem com o machismo/sexismo na sociedade. Vale lembrar que dois aspectos da Análise Crítica do Discurso – teoria e metodologia – são complementares, visto que a realização da análise é baseada nas ideias dessa parte teórica (MEURER, 2005).

3. Análises

3.1. Vidinha de Balada¹

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=PnAMEe0GGG8>

Oi, tudo bem?

Que bom te ver

A gente ficou, coração gostou

Não deu pra esquecer

Desculpa a visita

Eu só vim te falar

Tô a fim de você

E se não tiver, cê vai ter que ficar

Eu vim acabar com essa sua vidinha de balada

E dar outro gosto pra essa sua boca de ressaca

Vai namorar comigo, sim!

Vai por mim, igual nós dois não tem

Se reclamar, cê vai casar também

Com comunhão de bens

Seu coração é meu e o meu é seu também

Vai namorar comigo, sim!

Vai por mim, igual nós dois não tem

Se reclamar, cê vai casar também

Com comunhão de bens

Seu coração é meu e o meu é seu também

Vai namorar comigo, sim!

1º nível:

Vou começar a análise pelo nível do texto, descrevendo-o e focando, principalmente, nas escolhas lexicais, os tempos verbais e a estrutura. Também começarei a fazer algumas conexões com o nível das práticas sociais, comentando a relação entre as escolhas lexicais e sintáticas e as formas de violência contra a mulher na sociedade.

Na primeira parte (*Oi, tudo bem? / Que bom te ver / A gente ficou coração gostou / Não deu pra esquecer*), inicialmente podemos supor que seja uma conversa face a face – sabemos isso por causa do uso do verbo “ver” – e uma conversa tranquila com certos elogios (é bom ver ela, ele gostou de ter ficado com ela, ela é inesquecível etc.).

Na segunda parte (*Desculpa a visita / Eu só vim te falar / Tô a fim de você / E se não tiver, cê vai ter que ficar*), na primeira linha fica implícita que a visita não foi anunciada, por isso somos levados a pensar que se trata de uma pessoa que vai atrás da mulher sem um aviso prévio. Após isso, há um pulo radical entre a terceira linha e a quarta: de “tô afim” para “cê VAI ter que ficar”, ou seja, ela não tem outra opção, é obrigada a ficar com ele. Concluo afirmando que do início da primeira parte até o final da segunda, temos uma mudança do romântico – desde o ponto de vista de quem está ouvindo a música pela primeira vez, e não sabe o que vem depois – para o violento psicologicamente.

No pré-refrão (*Eu vim acabar com essa sua vidinha de balada / E dar outro gosto pra essa sua boca de ressaca*), temos duas interpretações acerca da primeira linha: uma menos “romântica” que supõe-se que ele vai tirar a liberdade dela em circular onde ela quiser, e outra mais “romântica” que ele estaria dizendo que ela não será mais solteira, portanto, que ele a está propondo relacionamento. Na segunda linha vemos uma afirmação de “dar outro gosto” para a boca da mulher, o que pode ser uma implicatura sobre a prática do sexo oral. Em “sua boca de ressaca”, podemos supor que esteja falando sobre a liberdade (nesse caso perda da liberdade) da mulher em beber álcool. Pensar nessa interpretação também é importante para a identificação

das violências física e sexual. Termino dizendo que esse pré-refrão é só um anúncio de que o pior virá em seguida em termos de violência.

No refrão (*Vai namorar comigo, sim! / Vai por mim, igual nós dois não têm / Se reclamar, cê vai casar também / Com comunhão de bens / Seu coração é meu e o meu é seu também*), vemos na primeira linha um imperativo (Vai), indicado pelo ponto de exclamação e, também, pelo fato de que na fala do dia a dia costuma-se não conjugar o verbo no imperativo; geralmente se diz “vai” em vez de “vá”. Sendo assim, vemos que ele expressa uma ordem, na qual ela é coagida a aceitar namorá-lo. Na segunda e na quinta linhas vemos tentativas de convencimento através de amenizações das ordens nas linhas anteriores – “vai por mim” (o que significa “acredita em mim”) pode indicar que ele acha que sabe mais do que ela sobre o assunto, algo que é tipicamente machista. “Seu coração é meu e o meu é seu também” dá a impressão de ser romântico, porém também lembra a questão do controle (você é meu, seu corpo é meu) que aparece na música. Embora depois ele diga “o meu é seu também”, o que pode indicar compartilhar em vez de controlar, no entanto, se formos pensar que não aparece a voz dela sendo recíproca e que ele que está chegando em sua casa afirmando isso, não podemos concluir que seja um sentimento compartilhado. Na terceira e na quarta linhas (*Se reclamar, cê vai casar também*) ela não tem direito de reclamar e de escolher. Vemos mais um imperativo – ela VAI casar com ele. E pior, com comunhão de bens, ou seja, o que era dela será dele, o que pode sugerir uma possível violência patrimonial.

A repetição do refrão reforça a mensagem. Em particular, a parte repetida “Vai namorar comigo, sim” é a parte mais forte e violenta. Outra coisa interessante de refletir é que na construção das frases, geralmente é ele afirmando algo sobre ele mesmo na primeira pessoa (“eu, eu, eu”) ou ele mandando ela a fazer algo (“vai... vai...”). Faltam descrições dela na segunda ou terceira pessoa (“você é”, “tu é”...); tudo é muito centrado nele, o que também é algo machista. Também acho importante salientar que na verdade não há indícios sobre o gênero da pessoa prejudicada, entretanto, pressupomos que seja uma mulher por causa do gênero da música (geralmente cantores falam sobre mulheres, cantoras falam sobre homens) e por causa do heterossexismo na sociedade – quando um homem canta sobre amor, geralmente pressupomos primeiro que esteja falando de uma mulher e vice-versa.

2º nível:

Nesse segundo nível falarei sobre as práticas discursivas, focalizando nos quesitos produção, distribuição e consumo de textos, levando em conta força, coerência, intertextualidade e interdiscursividade, buscando sempre responder às seguintes questões: Quem escreve para quem? Em quais circunstâncias? Por quê?

O videoclipe de “Vidinha de balada”, que pode ser visualizado no Youtube, foi lançado em Janeiro de 2017 e até o momento registra mais de quatrocentos milhões de visualizações na plataforma, além de curtidas, que ultrapassaram o número de um milhão. Sendo assim, é perceptível o alto alcance de público ouvinte, não apenas nessa plataforma, mas também em casas de shows, rádios, televisão etc. Pensando em quem escreve para quem, na maioria das vezes, o artista/compositor de sertanejo universitário cria para um público majoritariamente composto de jovens. E nessa música vemos um homem falando para uma mulher, no geral, na circunstância de pertencente à uma sociedade machista, e, especificamente, no ato de ir à casa de uma mulher sem avisar. Tentando entender os motivos que respondem o porquê, podemos imaginar que razões como ganhar dinheiro, entreter as pessoas, realização pessoal etc. são as mais possíveis para os que cantam e/ou compõem as músicas. Meurer afirma que “Os/as leitores/as, por sua vez, leem o texto já com certa predisposição sociocognitiva, procurando responder ao [...] gênero [discursivo]” (2005, p. 101), portanto, para quem gosta de sertanejo universitário, será mais fácil ter esse tipo de predisposição sociocognitiva. Isso nos leva a questionar se as expectativas dos ouvintes do sertanejo universitário sejam músicas “românticas”, e, por isso, eles ignoram o machismo e a violência nas letras. A força ilocucionária das letras, que tem a ver com a força de um ato de fala de realizar uma ação ou ter algum efeito (AUSTIN, 1990), reforça certas ideias sobre o papel da mulher – que ela não deve sair, que deve namorar ou casar etc. Tem a força para fazer isso porque está repetindo discursos já comuns e poderosos na sociedade. O papel da interdiscursividade, nesse contexto, pode ser representado por discursos machistas comuns que vemos nas letras como, por exemplo, a ideia de que a mulher “fácil” vai à balada etc.

3º nível

O terceiro nível está preocupado com as práticas sociais, ou seja, com o que as pessoas estão fazendo. Nele buscamos explicar as ideologias e/ou hegemonias. Apesar de dividirmos a

análise em três níveis, eles se interligam, uma vez que para descrever, interpretar e explicar vemos diálogo com a ideia de repetir e reforçar certas ideias machistas. Podemos pensar essas ideias machistas como discursos ideológicos. Temos um movimento duplo – os temas machistas na música aparecem por causa da influência da sociedade machista, mas também a música contribui para reforçar essa ideologia.

Nos comentários a seguir (tirados do YouTube), também vemos a (re)produção dessas ideologias e como as ideologias afetam as opiniões das pessoas (achar a música boa, concordar e/ou naturalizar o machismo e, portanto, não percebê-lo). Todos eles foram vistos e capturados na tarde do dia 15/11/2018. Em um total de mais de trinta mil comentários, os critérios utilizados na escolha foram mostrar alguns que criticam e outros que subvertem a letra, além de grande número de curtidas e reações (respostas) aos comentários. Tratam-se dos comentários mais em evidência nas datas da captura.



Doida Sem Limites 2 meses atrás

Pau no cu de quem diz que a música é machista

👍 327 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 49 respostas ▼

Esse comentário, que contava com 327 curtidas, representa tal afirmação. Não apenas isso, também é perceptível que a usuária estava ciente das críticas sobre essa música.



Vitória Aparecida 1 ano atrás

Chega no crush e canta pra ele " Vai namorar comigo sim vai por mim igual nos dois não têm Se reclamar cê vai casar também com comunhão de bens seu coração é meu e o meu é seu também vai namorar comigo sim!

👍 172 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 25 respostas ▼

Já nesse comentário, que contava com 172 curtidas, vemos uma situação até mais grave, uma vez que a usuária incentiva à ação de chegar no “crush” (expressão utilizada para referir-se à pessoa que se gosta) e repetir essa parte mais violenta da letra. Portanto, vemos nesses dois comentários que eles naturalizam e reforçam atitudes machistas através da percepção dos ouvintes sobre essa música. Porém, vale salientar que pelo nome da usuária “Vitória Aparecida” e por usar a expressão chegar “no crush” e não “na crush”, pode indicar que seja uma mulher que esteja incentivando a prática violenta contra um homem; sendo assim, não seria uma violência de gênero contra a mulher. Igualmente o recado é forte e poderia incentivar ambos os lados e representa a naturalização e banalização da violência.

Todavia, também há contra-discursos e subversão da norma nos comentários das pessoas que criticam a música por ser machista.



Carla Leal 8 meses atrás

Coitada dessa mulher da música. Ela não tem direito de escolha!

134 RESPONDER

[Ver todas as 21 respostas](#) ▾

Nesse comentário, que contava com 134 curtidas, vemos uma subversão da norma, pois aparece uma usuária consciente do valor ideológico desse discurso machista e, por isso, notamos uma resistência que faz esse discurso diminuir ou perder um pouco o efeito no meio de outras pessoas que não perceberam.



Tá Filmando? 6 meses atrás

Olha eu escutava muito essa música e sempre achei uma música incrível nunca reparei nessa letra da música agora eu reparei e vi, o quanto é errado essa música primeiro que o começo vai bem mas, isso é um relacionamento abusivo e forçado, quem ouve essa música e acha ela incrível, bom melhor você ver a letra primeiro, e se a menina ou menino não quer namorar com você, não force essa pessoa a nada, ninguém é obrigado a amar alguém que não ama e tmb ninguém é obrigado a casar sem amar essa pessoa. Então sim essa música é errada, muitos vão falar que estamos ficando malucos pois a música não diz nada disso mas ela diz sim, melhor os cantores que cantaram essa música concertar isso ou simplesmente tirar essa música pois ela está muito errada eu achei que era só o funk que estava perdido Ms eu estava errada.

[Mostrar menos](#)

99 RESPONDER

[Ver todas as 17 respostas](#) ▾

Nesse comentário, que contava com 99 curtidas, igualmente vemos uma subversão da norma, porque a pessoa também compreende que a letra não representa um relacionamento saudável, pelo contrário, apenas vemos a atitude de um homem que força a situação e não dá poder de escolha para a mulher. Assim como o comentário, também acho interessante mencionar que nem o homem nem a mulher deve ser forçado a nada.

Em conclusão, vimos nesses comentários a relação da música com a sociedade; mesmo que sejam apenas alguns (pois vai além do escopo do presente trabalho mostrar todos), notamos que as pessoas estão muito divididas. Algumas continuam naturalizando e, portanto, reforçando o machismo e a violência, enquanto outras conseguem enxergar o que está por trás da aparência e se posicionam contra isso. Ainda assim, a quantidade de pessoas favoráveis à música é maior

3.2. Senha Do Celular²

Se não deixa pegar o celular

É porque tá traindo

E tá mentindo

Alguma coisa tem

Se não deixa pegar o celular

É porque tá devendo

Me enganando

De papo com outro alguém

Eu descobri a senha do seu celular

²https://www.youtube.com/watch?v=GCou_tz2UBA

E machucou tudo que eu vi
 Eu fui na sua página e no seu Whatsapp
 Vi suas mensagens todas

Agora eu entendi o seu desespero
 Que até no banheiro leva o celular
 Desliga se eu tô do lado diz que está descarregado
 Ou que esqueceu o carregador

Se não deixa pegar o celular
 É porque tá traindo
 E tá mentindo
 Alguma coisa tem

Se não deixa pegar o celular
 É porque tá devendo
 Me enganando
 De papo com outro alguém

1° nível:

Assim como na canção anterior, começarei pelo nível do texto, porém como já dito antes, estabeleceremos conexões com o nível das práticas sociais. A partir do refrão (*Se não deixa pegar o celular / É porque tá traindo / E tá mentindo / Alguma coisa tem / Se não deixa pegar o celular / É porque tá devendo / Me enganando / De papo com outro alguém*) não temos

como saber o gênero da pessoa que estaria “traindo”, todavia, pressupomos que se trata de uma mulher pelos mesmos motivos mencionados na canção anterior. Tais afirmações não deixam lugar para dúvidas nem interpretações alternativas, porque ele afirma que se ela não deixa pegar o celular é porque está traindo e enganando, portanto, não existiria outra possibilidade de justificativa.

Em *Eu descobri a senha do seu celular / E machucou tudo que eu vi / Eu fui na sua página e no seu Whatsapp / Vi suas mensagens todas*, o uso do verbo “descobri” deixa implícito que, primeiramente ela não deu a senha pra ele, e secundamente que ele não simplesmente “descobriu” por acaso, mas tentou até conseguir. Sendo assim, vemos uma invasão de privacidade visando o controle da vítima, o que configura, segundo a Lei Maria da Pena, violência psicológica. O uso do verbo “machucar”, por um lado, sugere que ele realmente poderia gostar dela, por outro lado, volta à questão do controle ou apenas uma tentativa de justificativa de suas ações.

Em *Agora eu entendi o seu desespero / Que até no banheiro leva o celular / Desliga se eu tô do lado diz que está descarregado / Ou que esqueceu o carregador*, ainda se nota a tentativa de explicação da violência psicológica através da construção de uma personagem mentirosa (na percepção dele) que, conseqüentemente, mereceria ser “descoberta”. Essas justificativas e tentativas de explicação são práticas muito comuns na violência de gênero, visto que, na maioria das vezes, o homem tenta justificar os motivos de seu controle e os motivos que o levaram a cometer a(s) violência(s), embora seja injustificável.

O refrão fala, em geral, sobre as mulheres, embora use a terceira pessoa do singular; as demais partes da música falam, especificamente, de uma mulher que o cantor conhece. Deste modo, vemos a generalização a partir de um caso específico vivenciado. Apenas na sétima linha do refrão ele começa a personalizar um pouco (“**me** enganando”). Como já dito outrora – porém acho necessário repetir – ele nunca indica o gênero da pessoa que estaria traindo, mas pressupomos que seja uma mulher por causa do gênero da música (cantores falam sobre mulheres, cantoras falam sobre homens) e por causa do heterossexismo na sociedade (quando um homem canta sobre amor, geralmente supomos primeiro que esteja falando de uma mulher).

Assim como mencionado, nesse nível falarei sobre as práticas discursivas em conexão com o nível das práticas sociais, destacando os textos e levando em consideração força, coerência, intertextualidade, interdiscursividade e quesitos como produção, distribuição e consumo, buscando sempre pensar nos seguintes questionamentos: Quem escreve para quem? Em quais circunstâncias? E por quê?

O videoclipe de “Senha do Celular” no Youtube foi lançado em Fevereiro de 2015 e até o momento registra pouco mais de sessenta milhões de visualizações e mais de duzentas mil curtidas. Se comparado com “Vidinha de balada”, não chega a ser um número tão grande, entretanto, não temos os números de alcance em outras plataformas, casas de shows, rádios etc. Nessa música é notável o reforço da ideia de que entre um casal não deve existir privacidade, uma vez que fica implícito que se não tem nada a “esconder” não precisa de senha no celular. Assim como veremos no terceiro nível, das práticas sociais, através da recepção e reação do público, essa ideologia faz parte de um senso comum compartilhado por muitas pessoas. Embora pode-se afirmar que essa decisão de compartilhamento de senhas deva ser uma decisão de cada casal, a partir do momento que um deles visualizou sem a permissão do outro, já se caracteriza uma forma de violência psicológica, visto que representa um controle de ações e vigilância sobre o direito de liberdade alheia. Não podemos medir, por exemplo, até que ponto isso poderia desenvolver um dano emocional ao afetado. A mensagem da música é muito clara, e mesmo que a intenção não tenha sido a propagação de um pensamento que naturaliza a violência psicológica, seus possíveis impactos podem ser consideráveis.

3º nível

Esse nível está preocupado com as práticas sociais; nele buscamos explicar as ideologias e/ou hegemonias e sua relação com as práticas sociais a partir da análise dos comentários que foram vistos e capturados na tarde do dia 18/11/2018. Em um total de um pouco mais de seis mil comentários, os critérios utilizados na escolha foram mostrar alguns que criticam e outros que subvertem a letra, além de grande número de curtidas e reações (respostas) aos comentários, assim como nas músicas anteriores.



Hannah Luiza 2 anos atrás

" Se não deixa pegar o celular, é porque ta traindo " e foi assim que eu descobrir que era corna 🤔

👍 417 🗨️ RESPONDER

Ver 34 respostas ▾

A partir desse comentário podemos notar até que ponto tais ideologias afetam as práticas sociais dos ouvintes, já que a usuária confirma a “teoria” da música que diz que o ato de não permitir visualizar o celular do parceiro é um indício de traição. Quando ela diz “e foi assim que eu descobri que fui corna”, está reforçando essa ideologia, mesmo que não tenha sido essa a intenção, pois ela poderia apenas estar narrando uma experiência pessoal. Porém esses comentários que concordam com e apoiam a letra da música estimulam ainda mais essa crença em outros ouvintes, tanto que podemos perceber pelo alto número de curtidas (quatrocentas e dezessete) o grande alcance das pessoas que apoiam esse pensamento.

O comentário a seguir já se contrapõe com o anterior, porque nele podemos perceber uma subversão da ideia da letra.



Uma simples K popper 2 anos atrás

se eu não deixo pegar no celular pq o celular é meu

👍 522 🗨️ RESPONDER

Ver 36 respostas ▾

Nele, já é notável a consciência do ouvinte sobre sua privacidade, pois não apenas o celular é sua propriedade, mas também cabe a ele a decisão de quem pode ou não usá-lo. Nesse caso, não apenas vemos que a mensagem da música não surtiu efeito como também gerou uma resposta adequada e racional, pois apresenta outra justificativa para a negação da permissão. Igualmente esse comentário obteve muitas curtidas, o que sugere um alto nível de concordância dos demais ouvintes com o que foi dito.



Vida Loka 3 anos atrás

Essa música me ferrou pqp , agora minha mina fica achando que estou traíndo ela

👍 102 🗨️ RESPONDER

Ver 9 respostas ▾

No comentário acima, observamos a interferência dessa ideologia presente na música na vida pessoal afetiva dos consumidores, pois o usuário diz que a música interferiu em seu relacionamento afetivo à medida que sua namorada acredita estar sendo traída pelo fato de ele não deixá-la visualizar o celular. Tal comentário é muito interessante, uma vez que a partir desse relato podemos perceber de que forma uma ideologia pode manifestar-se em comportamentos sociais e, conseqüentemente, afetar a vida das pessoas.

Esses comentários são importantes dado que através deles podemos perceber a recepção pública de tais concepções transmitida pela música. Enquanto alguns continuam a fortalecer esse pensamento, outros o negam. Em oposição a “Vidinha de balada”, muitos comentam contra essa ideologia, mostrando que nem sempre as ideologias surtirão efeito, exceto no caso do último comentário que relata uma interferência na vida pessoal afetiva do usuário. Portanto, nessa música podemos perceber que a questão da privacidade no uso de aparelhos eletrônicos é mais discutida e que a ideologia é mais defrontada, no entanto, como a mensagem transmitida afeta ambos os gêneros – não apenas as mulheres –, acredito que a desnaturalização dessa ideia seja mais fácil que na música anterior.

3.3. Propaganda³

Ela queima o arroz

Quebra copo na pia

Tropeça no sofá, machuca o dedinho

³<https://www.youtube.com/watch?v=mQr7XemLs8s>

E a culpa ainda é minha

Ela ronca demais
 Mancha as minhas camisas
 Dá até medo de olhar
 Quando ela tá naqueles dias

É isso que eu falo pros outros
 Mas você sabe que o esquema é outro
 Só faço isso pra malandro não querer crescer o olho

Tá doido que eu vou
 Fazer propaganda de você
 Isso não é medo de te perder, amor
 É pavor, é pavor

Tá doido que eu vou
 Fazer propaganda de você
 Isso não é medo de te perder, amor
 É pavor
 É minha, cuido mesmo, pronto e acabou

1º nível

Assim como nas canções anteriores, começarei a análise pelo nível do texto, mas também estabelecerei conexões com o nível das práticas sociais.

Na parte inicial, *Ela queima o arroz / quebra copo na pia / Tropeça no sofá, machuca o dedinho / E a culpa ainda é minha*, há a apresentação de uma mulher desastrada que transfere

a culpa de suas ações em outra pessoa. Essa descrição continua em *Ela ronca demais / Mancha as minhas camisas / Dá até medo de olhar / Quando ela tá naqueles dias*. Assim como podemos ver, diferentemente de letras românticas que exaltam a pessoa amada, ele aborda o que poderia ser considerado os defeitos dela, pois seria uma pessoa que ronca, que suja as camisas, que é desastrada e que não sabe preparar um arroz. É somente no pré-refrão (*É isso que eu falo pros outros / Mas você sabe que o esquema é outro / Só faço isso pra malandro não querer crescer o olho*) que fica mais explícita a razão para a sua atitude; ele fala mal dela para que outros homens não se interessarem por ela, portanto, isso representa uma violência moral pelo fato de ele desmoralizá-la. Essa estratégia discursiva que visa afastar outros homens pode ser inspirada em um tratamento que os homens fazem frequentemente com as mulheres. Ademais, essa desmoralização se dá através de ideologias machistas como a ideia de que a mulher deve saber cozinhar arroz, que não deve roncar, que fica desagradável quando menstrua etc.

A parte seguinte (*Tá doido que eu vou / Fazer propaganda de você / Isso não é medo de te perder, amor / É pavor, é pavor*) é uma justificativa para as suas ações. Ele afirma que sente pavor apenas na possibilidade de perdê-la. A continuação do refrão reforça essa justificativa (*Tá doido que eu vou / Fazer propaganda de você / Isso não é medo de te perder, amor / É pavor / É minha, cuidado mesmo, pronto e acabou*), porém acrescenta que ela é “dele” e por isso ele “cuida”. Esse último verso é a parte mais pesada da música porque afirma que ela é dele, ou seja, ela seria uma (sua) propriedade. Além disso, ele justifica esse controle com a ideia de que está apenas cuidando, ou seja, como se isso fosse para protegê-la.

2º nível

O videoclipe de “Propaganda” foi lançado em março de 2018 no Youtube. Hoje já conta com mais de trezentas milhões de visualizações na plataforma, por isso, é notável a grande repercussão da música em tão pouco tempo. Nessa letra, ainda vemos o reforço de ideologias machistas como a ideia de que a mulher dever estar sempre “perfeita” e relacionada ao ambiente doméstico pelo fato do cantor dizer o contrário apenas para que ela não seja desejada por outros homens. Além de isso ser uma violência moral, visando o controle e posse da vítima, ainda é justificado com a ideia de amor, pois ele faz isso e diz que é por pavor de perdê-la. Esse pretexto é interessante pois geralmente as violências de gênero são justificadas por esse mesmo motivo: amor e ciúme. Muitos homens, por exemplo, usam a desculpa da proteção para controlar como a mulher se veste, se comporta, se relaciona com outras pessoas etc. Na última linha da canção

o cantor deixa isso muito mais claro quando diz que ela é dele, quer dizer, é visível que ela é tratada como sua posse.

3º nível

Nos comentários a seguir veremos a (re)produção dessas ideologias e como as ideologias afetam as opiniões das pessoas. Todos foram vistos e capturados na manhã de 20/11/2018. Com mais de quinze mil comentários, os critérios das escolhas são os mesmos das músicas anteriores.



Juliana Maia 2 meses atrás

Até os defeitos de uma mulher chama até atenção quando o homem só tem olhos pra ela ❤️ 2018 vei diferente

👍 763 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 35 respostas ▾

Nesse comentário, a usuária não desconstrói essa ideologia, pelo contrário, ela percebe as agressões como algo romântico. Acredita que o homem percebendo e desconsiderando os “defeitos” de uma mulher significa que ele a ama muito. Porém, esse comentário não leva em consideração que ele está falando mal dela para outras pessoas por controle e que isso afeta negativamente sua vida. Portanto, comentários como esse reforçam essas ideologias machistas e contribuem com a sua perpetuação. Outra interpretação a ser considerada é a de que ela esteja sendo irônica e não realmente apoiando a letra, uma vez que “2018 vei diferente” poderia ser uma forma de demonstrar que o ano mencionado trouxe uma inversão de pensamentos.



Mariana Vieira 2 meses atrás

O começo dessa música me define (só o começo) 😊😊

👍 164 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 6 respostas ▾

Esse comentário representa a identificação da usuária com a música, pois ela diz que o início a define. Aqui igualmente não vemos uma desconstrução ou preocupação com a letra, apenas uma associação da personagem mencionada na canção com ela mesma.



Eriih 4 meses atrás (editado)

Gosto da música e não queria problematizar, mas se você olhar bem, ele tá dizendo que fala mal da mulher pra todo mundo kkkkk isso é um tipo de humilhação xD ele deveria falar das coisas boas q ela faz sim, pra terem inveja do mulherão q ele tem.

Edit: Pra quem tá dizendo que eu entendi errado a música, bom, não acho que entendi errado porque essa foi a **minha** compreensão, não precisam tomar isso como verdade absoluta. Eles mesmo dizem "Só falo isso pra malandro não crescer o olho" então pode não ser mal intencionado, mas me dá agonia só de pensar em quem humilha/difama a mulher para os amigos. Isso tudo é medo de ser corno? Não se garantem sem fazer isso? Acho que falta uma confiança nesse relacionamento ai viu, ou talvez rever suas amizades já que não é capaz de confiar nelas

Mostrar menos

👍 103 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 29 respostas ▾

Nesse comentário é interessante a percepção mais profunda da internauta, pois ela assume que mesmo gostando da música e não querendo problematizar, isso se faz necessário porque em vez de ele elogiar a mulher, ele faz o inverso. Sua análise ainda vai mais além quando questiona se essa atitude poderia ser consequência de um receio em ser traído e por falta de confiança na relação e nas amizades.



alicia b 4 meses atrás

E esse relacionamento abusivo

👍 425 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 86 respostas ▾

Esse último comentário também problematiza quando expõe a relação como abusiva, mas não se aprofunda nos motivos que levaram a autora a essa percepção, contudo, se formos pensar que a relação abusiva vai muito além da concretização da violência física, seria difícil discordar. Alguns sinais de relacionamento abusivo que se assemelham com a canção seriam ele achar que pode controlar a vida e as escolhas da mulher, ele desmoralizá-la e acreditar que ela é sua propriedade. Além do mais, essa relação poderia ser muito questionável em termos de relacionamentos saudáveis, pois não demonstra confiança.

Portanto, os comentários mostrados representam como essa ideologia se manifesta nas opiniões das pessoas. Algumas a questionam e não permitem que elas sejam naturalizadas, enquanto outros nem ao menos percebem o que está por detrás dessa letra aparentemente romântica. Em uma análise geral dos comentários, a maioria da recepção pública não problematiza a essência dessa letra.

4. Considerações finais

O objetivo desse trabalho de conclusão de curso foi estudar e revelar ideologias presentes nas letras consideradas “românticas” do sertanejo universitário e de refletir acerca dos comentários dos ouvintes que ora problematizam, ora naturalizam a letra. As três músicas analisadas têm em comum a reprodução de ideologias machistas e violência de gênero. Todas reforçam pensamentos que não retratam relacionamentos afetivos saudáveis, pois vemos através das análises a concretização de violências, mesmo as consideradas mais sutis, seja psicológica, patrimonial ou moral.

Assim, podemos afirmar que as letras não tratam de amor, mas sim de violência contra a mulher e como isso poderia ser prejudicial porque abordar tais violências de forma mais “suave” torna a naturalização e identificação mais difíceis, complicando mais, portanto, a busca por emancipação de indivíduos menos favorecidos e desprivilegiados da sociedade (nesse caso as mulheres). A maioria dos usuários que comentava e estava em evidência não questionava as letras, então a análise expôs tais pensamentos que poderiam estar implícitos na essência dessas letras ou que poderiam passar como invisíveis por parte da sociedade. Das três canções as mais questionadas nos comentários – até a presente data – foram “Vidinha de Balada” e “Senha do Celular”, demonstrando assim que as ideologias não passaram despercebidas por todas as pessoas e que é possível que formações ideológicas sejam desnaturalizadas e que não surtam efeito por causa das resistências sociais. A outra canção também foi criticada, porém não com tanta força quanto as músicas acima descritas.

Além de buscar evidenciar o reforço dessas ideologias nas músicas, acredito que esse trabalho será importante para promover a compreensão e discussão sobre esse tema, e ainda

fomentar possíveis estudos futuros sobre. Pensando em tais estudos futuros, ao longo desta pesquisa muitos questionamentos e interesses que fogem da minha linha de investigação surgiram como, por exemplo, também averiguar a existência de letras no sertanejo universitário que versam sobre violência e relacionamentos abusivos bissexuais e/ou homossexuais e sertanejo universitário feminista. Ademais, espero que outros estudos feministas continuem fazendo o trabalho de desvelar atitudes machistas em letras de músicas. Tais temas iam além do escopo da presente pesquisa, mas poderiam ser desenvolvidos em trabalhos posteriores.

5. Referências bibliográficas

ANDOZIO, J. **Sexismo e o machismo na música: uma possível influencia na formação e erotização de crianças e adolescentes**. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso -Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Trad. De Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BRASIL. Lei Maria da Penha. Lei n.º11.340/2006. Presidência da República, 2006.

CAIXETA, S. P. **Agora eu fiquei doce: o discurso da autoestima no sertanejo universitário**. 131f. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista, Araraquara-São Paulo, 2016.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 8ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LEWIS, Elizabeth Sara. **“Acho que isso foi bastante macho para ela”: Reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances de praticantes de “pegging”**. Tese de doutorado. 333f. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, 2016.

LOPES, A. C. **Funk-se quem quiser: no batidão negro da cidade carioca**. Rio de Janeiro: Bom Texto/FAPERJ, 2011.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs) **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 81-106.

MOTTA, T. M. **A voz delas: Uma análise de representações sobre mulheres em canções sertanejas interpretadas por mulheres**. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2017.

PITANGUY, J. Violência contra a Mulher: consequências socioeconômicas. In: ARAÚJO, C. et al. **Novas perspectiva de gênero no século XXI**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2013, p. 115-124.

SENA, Melly Fatima Goes; GOMES, Nataniel dos Santos. Análise estilística do "Sertanejo Universitário". **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 19, n. 55, p. 216-224, jan./abr. 2013.